

# boletim <sup>^</sup> da CONSCIÊNCIA NEGRA

**APEOESP**

SINDICATO DOS  
PROFESSORES DO ENSINO OFICIAL  
DO ESTADO DE SÃO PAULO  
Filiado à **CNE** e **CUT**

Coletivo Anti-racismo  
"Milton Santos"



20 de Novembro de 2014

## Editorial



**Maria Izabel  
Azevedo Noronha**  
Presidenta da APEOESP

A edição 2014 do Boletim da Consciência Negra da APEOESP chega aos professores paulistas em um momento crítico para os movimentos sociais e ativistas de direitos humanos. A violência policial somada às denúncias de racismo, xenofobia, neonazismo e intolerância religiosa têm feito muitas vítimas.

Os crimes de ódio na Internet dispararam no recente período eleitoral. As denúncias na Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos

aumentaram 84% nos últimos meses. Redes sociais como o Facebook e o Twitter concentram a maioria das reclamações, como os ataques contra os nordestinos e mais pobres. Um perfil no Facebook chegou a pregar o holocausto contra os nordestinos.

É importante destacar que o problema não está só no mundo virtual. Pesquisa realizada pelo Sindicato no primeiro semestre de 2014 aponta que a discriminação está se disseminando nas escolas paulistas. E, mais uma vez, o preconceito é a origem da maioria dos casos de bullying e perseguição continuada. Negros e homossexuais são as vítimas mais frequentes de agressões no ambiente escolar.

A APEOESP tem uma participação histórica na luta contra todo tipo de discriminação e preconceito. Além da Secretaria de Políticas Sociais, o Sindicato tem outra Secretaria para Assuntos da Mulher e também Coletivos Anti-Racismo e LGBT. Através desta estrutura, diretores, conselheiros,

representantes de escolas e militantes promovem e coordenam iniciativas voltadas à promoção do respeito à diversidade e também de denúncia e repúdio a qualquer forma de preconceito.

Não podemos modificar o passado de injustiça que nos precede, mas como educadores precisamos acreditar na diversidade de raças, cores e religiões, que é uma das principais características do Brasil.

É necessário apostar em experiências de incorporação da Educação em Direitos Humanos no currículo escolar e ações pedagógicas protagonizadas pela comunidade escolar, contra qualquer tipo de discriminação.

Esta edição do Boletim da Consciência Negra traz sugestões de aulas e matérias para subsidiar os professores nesta tarefa. Afinal, como dizia Nelson Mandela, "ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor da sua pele. Para odiar, as pessoas precisam aprender e, se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar."

## Alerta: ONU aponta racismo institucional

Relatório da ONU sobre a discriminação racial no Brasil confirma o que a maioria dos negros e mestiços reconhecem, mas parte da sociedade ainda nega: o racismo no País é "estrutural e institucionalizado" e "permeia todas as áreas da vida".

A ONU reafirma no documento, divulgado no último mês de setembro, que os negros são os que têm menor escolaridade e salários, maior taxa de desemprego, menor acesso à saúde e menor participação no Produto Interno Bruto (PIB).

A preocupante violência policial, empregada com muito mais frequência contra jovens negros, também é citada no relatório, que aponta que o

direito à vida sem violência não está sendo garantido pelo Estado para os afro-brasileiros.

### Genocídio

Em março de 2012, a Anistia Internacional divulgou um levantamento que confirma o genocídio contra popu-

*"Juntas, as PMs de SP e RJ somam mais execuções do que 20 países praticantes da pena de morte. Em 2011, elas mataram 961 pessoas, contra 676 executados em países com a pena de morte."*

lações não-brancas e também o racismo profundamente alastrado nas PMs e no Poder Judiciário do Brasil.

Juntas, as Polícias Militares de São Paulo e Rio de Janeiro somam mais execuções do que 20 países praticantes da pena de morte. Em 2011, enquanto estes 20 países com pena de morte pesquisados pela Anistia executaram 676 pes-

soas, as PMs dos dois estados brasileiros foram responsáveis por 961 mortes, ou seja, fizeram 42% mais vítimas.

A PM paulista concentra seus homicídios nos bairros mais pobres da cidade. O Mapa da Violência de 2014 revela ainda que a maioria dos mortos, supostamente em confronto, são negros e mestiços.

### Mito

Mesmo diante da chacina vivenciada nas periferias, os especialistas da Organização das Nações Unidas, apontam que o

mito da democracia racial ainda está presente na sociedade brasileira que, em sua maioria, "nega a existência de racismo".

Segundo a ONU, falta incentivo para que as escolas reforcem aulas de história da população afro-brasileira, que seria um dos mecanismos mais eficientes para combater o mito da democracia racial.

"É preciso desconstruir a ideologia do branqueamento que continua a afetar as mentalidades de uma porção significativa da sociedade", conclui o relatório da ONU.

### Participe:

■ Marcha da Consciência Negra - 20 de novembro, concentração a partir das 13h00, no vão livre do Masp.

■ Seminário Internacional "Ciência e Conhecimento a Serviço da Igualdade Racial - Produções e Contribuições Brasil e Estados Unidos" vai reunir representantes

de dez universidades norte-americanas historicamente negras e ativistas de direitos humanos na Universidade Zumbi dos Palmares - 22 de novembro - Grátis.

■ Troféu Raça Negra 2014: Nelson Mandela - 24 de novembro, na Sala São Paulo.

Veja ainda  
nesla edição:

❖ 100 anos: Carolina  
Maria e Abdias - pág 2

❖ Educação, relações  
étnico-raciais e a Lei - pág 2

❖ Futebol e  
racismo - pág 3

❖ Mulheres negras  
do Brasil - pág 3

❖ Racionais completam 25  
anos de resistência - pág. 4

❖ Qual é a sua  
cor? - pág. 4

# 100 anos de **Carolina e Abdias**

Ícones do movimento negro brasileiro, a escritora mineira Carolina Maria de Jesus e o militante Abdias do Nascimento completariam 100 anos em 2014.

Moradora de uma favela na zona norte da capital paulista, Carolina escreveu um livro que tornou-se best seller na década de 60. “Quarto de Despejo” foi traduzido em mais de 15 idiomas.

Também nascido em 1914, Abdias foi senador, escritor, ator e um dos pioneiros do movimento negro no País. O Teatro Experimental do Negro, fundado por Abdias, traz à luz questões abordadas pela escritora Carolina, como o racismo, o descaso da sociedade com os problemas presentes no cotidiano das populações marginalizadas e a violência policial.

Ainda na ativa, Ruth de Souza e Milton Gonçalves estavam entre os atores do Teatro Experimental do Negro, formado por domésticas, analfabetos, operários e desempregados. Fundado em 1944, o Teatro é considerado um dos maiores laboratórios de diversidade e autoafirmação nas artes cênicas do Brasil.

## **Histórias que não aprendemos**

Mineira de Sacramento, Carolina Maria de Jesus chegou a São Paulo aos 17 anos, onde trabalhou como empregada doméstica e catadora de papel, até ser descoberta pelo jornalista Audálio Dantas, que fazia uma reportagem no bairro do Canindé, em São Paulo, quando ouviu falar dos cadernos que uma moradora escrevia sobre a vida no local.

Apesar de ter frequentado a escola apenas até o segundo ano do antigo primário, a catadora de papel tinha “extraordinária capacidade de narrar e estilo”, segundo o jornalista que publicou os primeiros trechos dos cadernos de Carolina na Folha da Noite, em 1958, e na Revista Cruzeiro. Nos anos seguintes, com a publicação e sucesso do livro, a escritora tornou-se uma celebridade.

No seu centenário, é aclamada como precursora da chamada Li-



## **CENTENÁRIOS**

**CAROLINA** & **ABDIAS**  
MARIA de JESUS & NASCIMENTO

teratura Marginal, que tem como destaques Paulo Lins, que escreveu “Cidade de Deus”, e Ferréz, autor de “Capão Pecado”, entre outros escritores da nova geração.

## **Orgulho**

Já descrito como o mais completo intelectual e homem de cultura do mundo africano do século XX, Abdias Nascimento é reconhecido também como uma referência às artes da comunidade negra brasileira. Como jornalista, ele fundou o Jornal Quilombo em 1947 e filiou-se à Associação Brasileira de Imprensa em 1948. Tornou-se a primeira voz no século XX a reivindicar e lutar pelos direitos civis e pela valorização da cultura negra e sua identidade própria.

Inúmeras iniciativas celebram a luta de Carolina e Abdias em 2014, como o Concurso Flink Sampa de Literatura, que vai premiar as melhores crônicas escritas por estudantes paulistas, inspirados no livro “Quarto de Despejo”.



## **Participe:**

**Afroétnica Flink Sampa** - Festa do Conhecimento, Literatura e Cultura Negra, promovida pela ONG Afrobrás e Faculdade Zumbi dos Palmares, nos dias 22 e 23 de novembro. Debates literários, shows, espetáculos de teatro e dança, oficinas de moda e beleza, exibição de filmes e atividades para crianças no Memorial da América Latina.

## **Educação, relações étnico-raciais e a Lei**

Desde a aprovação da Lei 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileiras e africanas nas escolas, outros mecanismos legais foram estabelecidos para garantir a pluralidade curricular.

Nesse contexto, foi aprovado em 2009 o Plano Nacional das Di-

retrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Reconduzida ao Conselho Nacional de Educação, a professora Nilma Lino Gomes fala sobre a Lei 10.639 e o Plano Nacional para a implementação das metas

estabelecidas. O artigo “Educação, relações étnico-raciais e a Lei nº 10.639/03: breves reflexões” aborda a importância de os educadores conhecerem detalhadamente a legislação e os impactos da iniciativa para o País. Leia o artigo na íntegra no site do Projeto A Cor da Cultura: [www.acordacultura.org.br](http://www.acordacultura.org.br)

## **Dois jovens contra o racismo**



Arquivo pessoal de Willian Júnio Moreira

O adolescente de 14 anos ganhou viagem a Holanda, onde viveu Anne Frank

sobre o racismo e o respeito às diferenças e ganhou, aos 14 anos de idade, o Concurso promovido pela Confederação Israelita do Brasil e Federação Israelita de São Paulo, cujo tema em 2014 foi “Anne Frank e a Preservação da Memória”.

Anne tornou-se um símbolo da esperança em meio ao holocausto ao escrever um diário, traduzido postumamente em 70 línguas. “Anne Frank nunca deve ser esquecida, pois uma simples história muda vidas. Não vamos deixar que esta história de crueldade se repita por meio do bullying, do preconceito, da discriminação, do racismo e muito mais”, escreveu o estudante brasileiro em sua redação.

Segundo os organizadores do Concurso, a redação de Willian destacou-se por expressar claramente que as tragédias pelas quais passa-

ram Anne Frank, sua família, e outros milhões de judeus e pessoas consideradas inferiores pelos nazistas continuam sendo de grande atualidade.

“Bullying, racismo e desrespeito às diferenças fazem parte do cotidiano de muitos jovens como ele. Willian nos mostra que a história de Anne Frank não se restringe à Europa, tem relevância em todo o mundo, inclusive no Brasil”, declarou Alberto Milkewitz, diretor da Federação Israelita do Estado de São Paulo.

## **Sugestão de aula**

Veja a íntegra da redação vencedora do Concurso Nacional Anne Frank 2014, “A história de Anne Frank na atualidade”, no Portal UOL Educação: <http://educacao.uol.com.br/>



# A dor de ser duplamente discriminada

CRÉDITO: Divulgação - Revista TPM



Jornalista e consulesa Alexandra Loras, a rapper Negra Li e a ativista Dona Jacira em debate sobre mulheres negras

**O** Brasil realiza a sua I Marcha das Mulheres Negras no dia 13 de maio de 2015, em Brasília. A APEOESP participará do evento, ao lado das centrais sindicais e entidades de defesa dos direitos humanos. Em 2014, o Sindicato já marcou presença nas atividades do Dia Internacional da Mulher Negra da América Latina e do Caribe, celebrado em 25 de julho

A dupla discriminação, de cor e gênero, envolve questões relacionadas ao desemprego, baixos salários

e índices alarmantes de violência. Os postos de trabalho mais ocupados por mulheres negras concentram-se, sobretudo, nos setores de serviço e atividades domésticas, com menor exigência de qualificação profissional e, conseqüentemente, menores salários.

A dor e a atitude de quem enfrenta o racismo e o machismo ao mesmo tempo foram temas de um debate na Casa TPM, evento promovido pela Revista TPM da Editora Trip, nos dias 04 e 05 de outubro.

## Quem é a negra?

Consulesa da França no Brasil e jornalista renomada em seu País, Alexandra Loras sentiu que o racismo no País nem sempre é velado e discreto. Filha de pai africano, já foi confundida com a babá do seu próprio filho, que é branco, em São Paulo, diversas vezes.

“Precisamos ainda sair dos estereótipos. Na diplomacia, na política, na economia e na moda ainda há poucas negras em destaque”, acredita a consulesa, que defendeu uma tese

de mestrado sobre a presença dos negros no noticiário televisivo francês.

## Trauma

Alexandra enfrentou a discriminação de maneira vitoriosa, tornando-se a primeira apresentadora negra da TV aberta francesa, na TF1. Também presente ao debate, Jacira Roque de Oliveira, mãe do rapper Emicida, encarou o duplo preconceito de forma mais cruel, acompanhada pela pobreza, na periferia de São Paulo. Seu maior trauma era a escola.

“A escola era um inferno. Aprendi o que era racismo na escola, onde até meu cabelo foi cortado porque era considerado ruim”, conta Dona Jacira, que para se defender passou a mobilizar mulheres na mesma condição que a sua, primeiro contra a violência doméstica, depois na luta por moradia no MST.

## Três leões por dia

Negra Li, nome artístico da cantora Liliane de Carvalho, também

aprendeu o que era preconceito nos seus dias de estudante. “Eu era a única menina negra na escola particular e, por isso, não tinha amigos. Depois que fui para a escola pública, na oitava série, a aceitação à minha raça foi muito melhor”, conta a cantora, que é rapper e solista do Coral da USP e filha de uma professora da rede pública de São Paulo.

“Sei que ainda sou subestimada todos os dias. É um preconceito degradê que existe no Brasil e diminui, quando a pessoa é famosa ou tem dinheiro”, diz Negra Li, que define a experiência de ser negra e mulher, como “a luta de quem precisa matar três leões por dia”.

# O preconceito em campo

“Ainda guardo o direito de algum antepassado da cor brigar sutilmente por respeito / Brigar bravamente por respeito / Brigar por justiça e por respeito” - A Carne, de Elza Soares

**E**m show realizado no dia 04 de outubro, no Clube Nacional, em São Paulo, a cantora Elza Soares intercalou os contundentes versos de “A Carne”, com uma homenagem ao goleiro Aranha, em mais um protesto contra o racismo no futebol.

Considerada a cantora do milênio pela BBC de Londres e viúva de Garrincha, um ícone do futebol brasileiro, Elza Soares sabe que, mesmo no futebol e na música, o Brasil ainda sofre com o racismo.

O caso do goleiro Mário Lúcio Duarte Costa, o Aranha do Santos, provocado pela torcida gremista com gritos de “macaco” e “preto fedido”, no dia 28 de agosto, apenas chamou a atenção para o clima exarcebado e preconceituoso dos estádios, que não é exclusividade do Brasil.

## Bananas

Atuando no futebol europeu há 11 anos, o jogador Daniel Alves, por exemplo, protestou comendo uma banana atirada pela torcida, em Barcelona, em abril, caso que também teve repercussão internacional. O futebol europeu registra ainda casos de antisemitismo e homofobia.

Um levantamento realizado pelo Jornal Folha de S. Paulo, indicou a ocorrência de 12 casos semelhantes ao de Aranha e Daniel Alves nos gramados brasileiros, nos oito primeiros meses de 2014.

São histórias como a do árbitro gaúcho Márcio Chagas, negro, que encontrou o seu carro coberto de bananas depois de apitar a partida entre Esportivo e Veranópolis, na Serra Gaúcha, em março.

Há uma Comissão Permanente de Prevenção e Combate à Violência nos Estádios, formada por procuradores e promotores de Justiça. Junto com a CBF, esta comissão atua em campanhas educativas, na avaliação de mudanças nos regulamentos das competições, que incluem fiscalização mais atenta durante os jogos e até a possibilidade de interrupção das partidas em casos mais graves.

## Copa

Antes mesmo da Copa do Mundo, sediada no Brasil entre os dias 12 de junho e 13 de julho, a Fifa aprovou uma resolução severa, que prevê redução de pontos, expulsão de competições e rebaixamento, em casos de racismo.

Durante a Copa, a Federação Internacional de Futebol promoveu nas redes sociais a Campanha #SayNoToRacism. Já a CNTE promoveu a Campanha Copa sem Racismo, com o objetivo de levar o debate sobre a diversidade e a luta contra o preconceito racial para as torcidas.

## LUTO



Vencedora do Prêmio Nobel de Literatura e uma das principais ativistas da luta contra o apartheid, a escritora sul-africana Nadine Gordimer faleceu no dia 13 de julho, aos 90 anos de idade. Autora de mais de 30 livros, Nadine tem seis títulos publicados em português pela Editora Companhia das Letras. O Selo Biblioteca Azul da Globo Livros publicou suas biografias.



Nas próximas semanas, vários eventos marcam o primeiro ano da morte de Nelson Mandela. O líder negro que não se intimidou diante da violência e do preconceito faleceu aos 95 anos, no dia 05 de dezembro de 2013. Madiba, nome do clã de Mandela, acabou com o apartheid em seu País, depois de ficar 27 anos preso. Foi o primeiro presidente negro da África do Sul, recebeu o Prêmio Nobel da Paz e conquistou um Dia Internacional, 18 de julho, o Mandela Day, instituído pela ONU.



Os dados mais recentes da Organização Mundial de Saúde revelam que aproximadamente 4 mil pessoas já foram vítimas do vírus ebola, a maioria no continente africano. Mas, o mundo tomou conhecimento do perigo do vírus somente depois que ele deixou a África e começou a fazer vítimas na Europa e Estados Unidos. O cartunista português André Carrilho retratou a diferença em um cartoon, que tornou-se viral nas redes sociais.



**Sugestão de aula**

A Revista Carta na Escola dedicou a edição de maio, anterior à Copa, ao racismo no futebol. Intitulada “Uma Banana Para o Racismo”, a série de reportagens aborda a complexa história do negro no futebol. A APEOESP é uma das apoiadoras da publicação.



Boletim da  
Consciência  
Negra

Nov./2014

# 25 anos de **resistência**



Crédito: Divulgação Eduardo Kobra

Racionais MC's são tema de grafite de Eduardo Kobra no Capão Redondo

Os Racionais MC's completam, em 2014, 25 anos de rimas ácidas sobre a periferia, a negritude e a violência. Os versos do quarteto do Capão Redondo narram a dura vida de quem é negro e pobre no Brasil, denunciam o racismo e o sistema capitalista, que patrocina a miséria e, na maioria das vezes, a violência e o crime.

Liderados por Pedro Paulo Soares Pereira, o Mano Brown, os músicos Ice Blue, Edi Rock e DJ KL Jay conheceram-se no extremo da zona sul da capital paulista. Já em 1992, participaram do Projeto "RAPensando a Educação", que percorreu escolas públicas debatendo violência policial, miséria, drogas e outros problemas da periferia.

À margem dos grandes veículos de comunicação, o grupo conquistou fãs em todas as classes sociais

"Histórias, registros, escritos. Não é conto, nem fábula, lenda ou mito" - Negro Drama (Racionais MC's)

e faixas etárias, tornando-se o grande porta-voz das periferias das metrópoles e até popularizando gírias e expressões dos marginalizados, retratados em suas letras.

## Não ter vergonha da cor

O grupo foi saudado como o mais relevante da música brasileira em capa da Revista Rolling Stones, em 2013. "O rap fez mudar muita coisa - ensinou o cara a não ter vergonha de onde mora, do cabelo, da cor, a poder falar da sua quebrada", contou Ice Blue à Rolling Stone. "E também disse ao negro que é preciso estudar e se cuidar, completou o DJ KL Jay.

O tempo transformou os versos furiosos dos Racionais em clássicos. Músicas como "Negro Drama", "Fim de semana no Parque" e "Diário de um Detento" já foram temas de questões e redações nos mais importantes vestibulares do País.

Em 2012, o videoclipe de "Mil Faces de um Homem Leal (Marighella)" conquistou o VMB - MTV, ao levar às novas gerações a his-

tória do guerrilheiro comunista baiano Carlos Marighella, que lutou contra a repressão durante a Ditadura Militar. No dia 29 de outubro, o grupo recebeu o Prêmio Multishow de 2014 pela sua Turnê de 25 anos.

Os Racionais são contemporâneos de outros 'pensadores da periferia', autores da chamada literatura marginal, como os escritores Ferréz, e Paulo Ins e o poeta Sérgio Vaz, do Sarau da Cooperifa.

## Sugestão de aula



■ **"Na Quebrada"**: Os filhos de Mano Brown, Jorge e Domênica, interpretam neste filme jovens que cresceram nas quebradas da periferia e tentam superar as

tragédias de suas vidas, através de um curso de cinema. Dirigido por Fernando Grostein Andrade, o filme tem no elenco presidiários integrantes de um grupo de teatro e jovens de baixa renda.

■ **Hip Hop**: O documentário "Marco Zero do Hip Hop" revela a importância do Movimento para a cena cultural de São Paulo, através de depoimentos de lendas vivas do gênero, como os fundadores Pepeu, Mc Jack e Nelson Triunfo. O local que foi palco do nascimento do estilo, no centro de São Paulo, também é retratado no documentário. Trata-se da esquina das ruas 24 de Maio e Dom José de Barros, onde uma placa de granito informa aos pedestres os nomes dos dançarinos e precursores do Movimento Hip Hop. O documentário está disponível no Youtube.

■ E não é apenas nos estilos populares que os negros imprimem o seu talento musical. O curta-metragem **"Tons na Música"** apresenta musicistas negras que interpretam músicas eruditas em importantes instituições, marcadas pela tradição europeia do gênero. Produzido por estudantes da Faculdade Cásper Líbero, o curta "Tons na Música" está disponível no Youtube.

## AGENDA DA DIVERSIDADE

### Teatro

A Frente Negra Brasileira, criada em 1932, é tema do musical Luz Negra, protagonizado pela atriz Mel Lisboa e encenado pela "Cia. Pessoal do Faroeste". O musical, que retrata a sociedade apenas algumas décadas após o fim da escravidão, fica em cartaz até o dia 17 de dezembro na Sede do Faroeste, no Metrô Luz.

### Livros

■ O historiador Clayborne Clarson da Universidade de Stanford organizou a autobiografia de Martin Luther King, livro com arquivos inéditos de um maiores líderes da luta pelos direitos civis dos negros. O livro chega ao Brasil pela Editora Zahar.

■ Os sociólogos Richard Miskolci e Jorge Leite Júnior lançam "Diferenças na Educação: outros aprendizados" pela EdUFSCar. O livro reúne artigos de especialistas sobre a abordagem das diferenças de corpo, sexualidade, gênero, etnia e religião no ambiente escolar.

### Material pedagógico

■ Uma jornalista e um designer criaram um Portal de conteúdo multimídia com histórias sobre a África, reunidas durante viagens realizadas desde 2012.

O Portal Afreaka oferece conteúdo disciplinar bem diferente dos clichês de fome e escravidão, que estigmatizam o continente africano. O encontro da tradição e dos costumes locais com o mundo tecnológico é a principal atração do site [www.afreaka.com.br](http://www.afreaka.com.br).

### Teses e Dissertações

A obra de Grande Otelo, artista cujo centenário será comemorado no próximo ano, é o tema do doutorado, cuja resenha é destaque neste Mês da Consciência Negra, na seção Teses e Dissertações no site da APEOESP.

O pesquisador Luis Felipe Kojima Hirano aborda as questões de raça, corpo e gênero na performance cinematográfica de Sebastião Bernardes de Souza Prata, o Grande Otelo.

Teses e Dissertações reúne resenhas de trabalhos acadêmicos sobre Educação e Magistério, em parte realizados por professores da rede pública e, em alguns casos, com temáticas relacionadas à diversidade.

## Qual é a sua cor?

Considerada um das artistas plásticas brasileiras de maior projeção, Adriana Varejão criou uma série inspirada na representação das cores de peles dos brasileiros e na definição de raça no País. "Polvo" é o nome do conjunto de tintas criado a partir de uma pesquisa do IBGE que, em 1976, resolveu perguntar ao brasileiro "Qual é a sua cor?".

Foram 136 respostas diferentes à pesquisa domiciliar; algumas muito pitorescas, como 'burro quando foge', 'cor firme', 'morenô' e 'queimada de sol'.

Varejão selecionou as mais exóticas e poéticas respostas e elaborou suas próprias tintas a óleo baseadas em tons de pele.

Para Adriana Varejão, cor é linguagem. "Quando nomeamos matizes de peles, diluimos a questão das grandes raças", explicou a artista na apresentação da exposição no Galpão Fortes Vilaça, em abril passado. Antes de ser vendida a colecionadores, as obras da série "Polvo" foram expostas também em Londres e Nova York.

## expediente



### Dirigentes responsáveis:

Maria Izabel Azevedo Noronha  
Presidenta da APEOESP

Roberto Guido  
Secretário de Comunicações

Silvio de Souza  
Secretário de Comunicações Adjunto

Rita de Cássia Cardoso  
Secretária de Políticas Sociais

Ezio Expedito Ferreira Lima  
Secretário de Políticas Sociais Adjunto

### Conselho Editorial

Maria Izabel Azevedo Noronha  
Fábio Santos de Moraes

Roberto Guido  
Silvio de Souza

Leandro Alves Oliveira  
Fábio Santos Silva

Rita de Cássia Cardoso  
Ezio Expedito Ferreira Lima

Luiz Gonzaga José  
Maria Sufaneide Rodrigues

Francisco de Assis Ferreira

Zenaide Honório

### Texto e Edição:

Ana Maria Lopes - MTb 23.362

### Colaboração:

Ian Castilho (Pauta e Redação)  
Coletivo AntiRacismo

Milton Santos da APEOESP

### Produção:

Secretaria de Comunicações  
da APEOESP

Tiragem: 15 mil exemplares